



**O CONVITE DA NOVA ALIANÇA**  
(A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA)

Nicoletta Crosti

**Tradução da versão inglesa**  
**por Tomázia Santa Clara,**  
**revista pela autora**

Caderno 8

*Setembro – 2005*

[www.fundacao-betania.org](http://www.fundacao-betania.org)

Antes de iniciar qualquer exposição sobre a Celebração Eucarística, é necessário lembrar que o centro do rito está na aclamação solene: “Mistério de Fé”. As explicações teológicas, relativas ao acontecimento, passam então a ser frágeis tentativas de aproximação da realidade que escapam na sua totalidade à inteligência humana. Símbolos, sinais, imagens, e palavras, podem então ser de grande ajuda.

O actual rito Eucarístico apresenta traços da longa história que o caracterizou. Por esta razão, não é uma simples estrutura unificada, sinal claro da realidade que significa, mas antes uma realidade composta. Daí poder-se encontrar neste rito duas atitudes religiosas diferentes e interlaçadas. Nos três primeiros séculos, no despertar da memória do Judeu Jesus, o rito desenvolveu-se numa atitude religiosa tipicamente “bíblica” (Antigo e Novo Testamento), onde o louvor, a acção de graças e a bênção dos dons do Senhor - particularmente o pão Eucarístico - eram elementos centrais. A assembleia era a protagonista, reunida pelo Senhor para comer o pão, beber o vinho e lembrar o triunfo de Jesus sobre a morte (1 Co. 11:17-34).

Neste período, o rito era celebrado em espaços profanos (simples casas privadas), sem altares (era utilizada uma mesa móvel, tripé de madeira), sem sacerdotes (havia apenas o “oficiante”, em fato civil). Os cristãos primitivos tinham entendido bem o sentido profundo da encarnação e a novidade que esta revestia, o que é expresso nos Evangelhos quer pelo rasgar da cortina do Templo (Mt.27:51) quer pelas palavras de Jesus à mulher Samaritana “[...] chegou o tempo em que todos podem adorar o Pai sem ser neste monte ou em Jerusalém[...] mas em espírito e em verdade”. (Jo.4:21-23). O Filho de Deus, pela sua Encarnação e Ressurreição, aboliu a distinção entre sagrado e profano, entre puro e impuro. A primeira geração cristã compreendeu que a santidade de Deus não se limitava ao Templo da cidade santa de Jerusalém, mas estava em Jesus Cristo “Mas o Templo que Jesus falava era o seu próprio corpo” (Jo. 2:21) e no coração da humanidade “[...] nós somos o templo do Deus vivo [...]” (2 Co. 6:16 e 1 Pe. 2:4-5).

Ao falar da Igreja dos primeiros tempos, Tragan disse: “[...] os encontros dos crentes no Senhor abolem toda a fronteira entre sagrado e profano. O vocabulário “sagrado” desaparece da fé cristã: sacrifício, sacerdote, holocausto, oferenda, ritos de purificação, abluções. Em vez dessas palavras, aparecem outras expressões peculiares e significativas: o partir do pão, ágape, diaconato, reunião, ceia do baptismo do Senhor”.<sup>1</sup>

Mas no século IV, com a entrada em massa dos pagãos e o édito emanado pelo imperador Constantino (313) - que tornou a fé cristã a religião do Estado - o rito da Eucaristia mergulhou no mundo do sagrado (*sacer*) romano. Na celebração inclui-se então o conceito de sacrifício (*sacrum-facere*), que requer *um sacerdote* (que transmite o sagrado), e também um altar sagrado no qual o sacrifício pode ser realizado, e tudo dentro dum edifício consagrado.<sup>2</sup>

O Concílio Vaticano II (Sacrosantum Concilium n.6) tentou recuperar a raiz bíblica do rito, indo para além da teologia do Concílio de Trento, e abrindo assim um novo caminho.

Deu maior importância à Liturgia da Palavra, que se tornou oficialmente uma parte integrante do rito (SC n.56), introduziu a imagem da Eucaristia como a “mesa da Palavra de Deus” (SC n.51), uma vez que, no ritual Deus fala ao Seu povo (SC 33). Além disso, redescobriu o papel fundamental da assembleia reunida pelo Senhor. O povo respondeu reunindo-se em assembleia, realizando assim o primeiro acto litúrgico. Para que a assembleia fosse protagonista, o Concílio sugeriu várias mudanças, tais como o uso da língua vernacular em vez do latim, o altar fazendo face ao povo, a participação activa da assembleia tornando-se parte da realização do rito, o sinal da paz, as leituras feitas por leigos... No entanto, o Concílio não teve coragem de mudar a estrutura fundamental do rito, que continuou ligada, ao mesmo tempo, ao conceito pagão de sacrifício, com espaço grande dado ao acto da oferta da morte do Filho ao Pai, e à diferença clara entre “sacrifício”

---

<sup>1</sup> Tragan P.R. “Culto e Scrittura: una dinâmica ermeneutica” em *Corso di Teologia Sacramentaria vol.1*, Queriniana, Brescia, 2000,202.

<sup>2</sup> A palavra romana *sacer* era muito diferente da palavra bíblica *qadós*. A primeira era uma instituição criada por homens, a outra, era referência à característica especial do Deus de Israel - santidade. O Templo de Jerusalém não será consagrado por homens a Deus, mas será santificado pelo próprio Deus com a Sua glória (1 Rs. 8:10-11).

(Ofertório e Oração Eucarística) e “sacramento” (Pai Nosso, Cordeiro de Deus, Comunhão), uma diferença que deu origem a um duplo acto penitencial, e coloca o aspecto de convívio no fim da liturgia “*Felizes os que são chamados à Sua Ceia [...]*”, quando deveria ser no meio, segundo as palavras do Senhor “*Tomai e comei [...] Tomai e bebei [...]*”.

Estas duas teologias acima mencionadas, estão claramente expressas no **Ofertório**.

Há de facto uma primeira oração, adicionada depois do Concílio Vaticano II referindo-se ao dom que Deus nos vai dar - que é a bênção típica da fé judaica - i.e. a fé de Jesus “*Bendito sejas Senhor, Deus do Universo, pelo pão que recebemos da vossa bondade [...]*” a que a assembleia responde “*Bendito seja Deus para sempre*”. O homem bíblico continua a agradecer e a bendizer a Deus, encantado pelos dons que continua recebendo, e pelas maravilhas das intervenções de Deus na história humana. Ele vive de facto a preeminência do acolhimento sobre o dar e o fazer, e a preeminência das acções de Deus sobre as acções humanas. Os salmos seguem esta linha (ver Sl. 65/64 e 136/135 onde não há alusão às acções do homem, apenas os actos divinos são mencionados); também as orações de Jesus seguem esta mesma linha “*Agradeço-te ó Pai [...] porque mostraste [...] Sim Pai, agradeço-te porque isso foi do teu agrado*” (Mt.11:25-26), “*Pai-nosso [...] venha o teu Reino, seja feita a tua vontade [...]*” (Mt. 6, 9-10). Não é o que o homem bíblico faz que o torna digno, mas antes o que é feito para ele: “*pois grandes coisas me fez o Deus poderoso*” (Lc.1:49); ele é digno porque é amado e é chamado para servir o Senhor.

O homem/mulher bíblico sabe que nada do que possui pode ser oferecido a Deus, uma vez que tudo pertence a Deus, desde as coisas práticas necessárias à sua própria vida, simbolizada pelo seu sangue, tudo pertence a Deus e, nem o homem nem a mulher podem dispor delas. Os homens e as mulheres são apenas administradores dos bens de Deus, dos quais podem servir-se para viver.

O *Orate Fratres*, a segunda oração do ofertório, foi inserido no sc. VIII e pertence a um registo bastante diferente - menciona um sacrifício que o crente deve oferecer - e que tem de ser agradável a Deus: “*Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceite por Deus [...]*” ao que a assembleia responde: “*Receba o Senhor por tuas mãos [...] para o nosso bem e de toda a Santa Igreja*”. Esta é a abordagem “*do ut des*”: eu ofereço algo à divindade para que em troca ela me dê alguma coisa, uma atitude desconhecida no âmbito bíblico, mas espalhada em todas as religiões, uma vez que exprime a religiosidade espontânea da criatura.

**“Ele tomou o pão... e dando graças...”** (da Oração Eucarística)

Se desejamos, no dia de hoje, compreender, pelo menos em parte, o sentido da liturgia Eucarística, temos que ir além da teologia Tridentina e, entrar no caminho aberto pelo Concílio Vaticano II recuperando a Palavra do Senhor.

Em termos concretos, implica falarmos do rito a partir das palavras de Jesus na Última Ceia, palavras que estão no centro do acontecimento Eucarístico.

“*Depois pegou no pão, deu graças a Deus, partiu-o, deu-o aos discípulos e disse: Isto é o meu corpo entregue por vós*” (Lc.22:19). É Jesus, o Filho de Deus, que toma o pão em suas mãos, dá graças (ou abençoa) ao Pai, Senhor de todos os bens, parte o pão e o distribui. Jesus nada oferece ao Pai, repete exactamente os mesmos gestos realizados no episódio da multiplicação dos pães (Mt. 14:13-21 e 15:32-39; Mc. 6:32-44 e 8:1-10; Lc. 9:10-17; Jo. 6:1-15). O facto das primeiras gerações de cristãos terem visto uma relação estrita entre o rito da Eucaristia e o milagre da multiplicação dos pães é testemunhado pelo uso, na Última Ceia, dos mesmos verbos utilizados no segundo episódio.

Os textos do episódio da multiplicação dos pães dão-nos alguns elementos essenciais:

- O gesto de Jesus tem um sentido bem preciso e unívoco: Jesus sente simpatia pela multidão (o verbo *splangknizomai* é muito forte, implica o sentir profundamente nas entranhas do corpo) e deseja fazê-los viver a experiência de satisfação e bem-estar, como o Deus de Israel já o tinha feito no deserto (Ex.16:15; Sl.78/77:23-29). Em João, (6:10) e em Marcos (6:39) a multidão parece estar num prado verdejante, uma vez que “*Em verdes pastos me faz descansar*” (Sl.23/22:2). De facto, as multidões são os comensais da mesa que o Senhor lhes prepara: “*Preparaste-me um*

*banquete*” (Sl.23/22:5). É o banquete Messiânico anunciado por Isaías (25:6-9). Os cestos que sobram simbolizam a superabundância deste banquete, que satisfaz completamente a fome dos que estão presentes. O pão de Jesus, sacia verdadeiramente todo o desejo: “*Tu [...] satisfazes os desejos de todos os viventes*” (Sl.145/144:16).

- Jesus e a multidão são protagonistas, precisam um do outro. Na realidade, Jesus faz o seu gesto para a multidão e a multidão, por sua vez, não satisfaz a sua fome sem Jesus. Diferentemente dos outros evangelistas, João não coloca intermediários (os discípulos) entre Jesus e a multidão, a relação que estabelece é directa. Nos Evangelhos sinópticos, pelo contrário, os discípulos distribuem o pão (Mt.14:13 e 15:35; Mc. 6:41 e 8:6; Lc. 9:16). Eles não são protagonistas e não agem em nome de Jesus, eles fazem parte da assembleia, assumindo o papel de servos. O seu serviço torna-se então essencial na celebração do rito, mas continuará a ser sempre um serviço para Jesus e para a multidão - os dois verdadeiros protagonistas do acontecimento.

- A multidão é heterogénea: homens, mulheres e crianças vindas de longe e de perto, judeus e pagãos - partilhando, no entanto, um elemento característico: são todos seguidores de Jesus, consideram-no como seu Mestre, procuram-no, para ficar com ele e escutar a sua palavra. Antes do milagre da multiplicação dos pães “*pôs-se a ensinar-lhes muita coisa*” diz Marcos (6:34). Isto mostra-nos como o pão e a palavra estão estreitamente ligados; de facto, nem é possível compreender o sentido do pão sem a palavra de Deus (Ex.16; Sl.81/80:11) nem compreender a palavra sem o pão eucarístico, ambos fazem o Espírito de Jesus habitar em nós. Jesus é o único Mestre, que nos permite compreender a palavra, integrá-la e pô-la em prática.

- O milagre acontece num local profano, fora de recintos sagrados, embora não seja em lugares comuns: acontece ou no deserto ou no topo da montanha, lugares onde o Deus de Israel deu o pão a comer e a Torah<sup>3</sup> (Sl.78/77:24-25,29; Sl.105/104:40; Sl.107/106:9).

- Em Mateus (14:19) e Lucas (9:16) antes de partir o pão, Jesus levanta os olhos ao Céu e une-se ao Pai, uma vez que é Ele que, através do Filho, alimenta o povo e realiza o milagre, como já o tinha feito no deserto.

**“Tomai e comei todos: isto é o Meu corpo entregue por vós”** (da Oração Eucarística).

Ao distribuir o pão, Jesus diz: isto é o meu corpo. Aqui situa-se o grande mistério, que se alcança apenas através da fé, que é capaz de ver o corpo ressuscitado de Cristo no pão, que, quimicamente, permanece pão.

Como no milagre da multiplicação dos pães, o pão é distribuído não para ser adorado ou contemplado, mas para ser “acolhido e comido” (Mt.26,26) numa relação verdadeiramente desejada entre o pão e o crente, isto é, entre Jesus e o discípulo.

Jesus liga o seu corpo, que será glorioso no pão, à experiência da Sua Paixão, que Ele resume ao dizer: “*entregue por vós*”. Este verbo, entregar, é o fio condutor para a compreensão de toda a importância da vida e paixão de Jesus, como Ele próprio repete várias vezes durante a Paixão (Mt.27:18; Mc.15:10; Jo.18:35 e 19:11). Este verbo é sempre utilizado na forma passiva, tanto pelo próprio Jesus (Mt.17:22; 20:18; 24:45; 26:2; Mc.9:31; 10:33; 14:21; 14:41; Lc.9:44; 18:32; 22:33; Jo.18:36) como pelo narrador. Na realidade, várias vezes, Jesus escapou à morte (Mt.12:15), e quando Ele compreendeu que as autoridades estavam determinadas a apanhá-lo para o matar, Ele decidiu ocultar-se (Jo.10:40). Portanto, Jesus nunca decidiu entregar-se: será a traição de um amigo ao entregá-lo que o faz passar de mão em mão: Judas, as autoridades e os Sumos-sacerdotes, Herodes, Pilatos.

No entanto, para os Evangelistas, a forma passiva do verbo entregar-se exprime também um conceito teológico: Jesus é entregue às mãos dos homens pelo Pai. Paulo diz: “*Ele (o Pai) não nos recusou o seu próprio Filho, mas entregou-o por todos nós...*” (Ro.8:32; ver também Jo.3:16) assim, será o Pai mais uma vez a ressuscitá-lo e a transfigurá-lo (os verbos usados na Ressurreição e

---

<sup>3</sup> A Torah é o Pentateuco, os 5 primeiros livros da Bíblia.

na Transfiguração são conjugados na passiva). A expressão *entregue por vós* revela o grande plano de salvação do Senhor nosso Pai (Cl.1:15-20) ao qual Jesus, o Filho, adere com todo o seu ser, em total obediência.

Também os verbos que descrevem o carácter misterioso do Servo de Deus (Is. 50) estão na passiva, porque aí também deve estar claro que Deus é o protagonista da história do servo (Is.42 e 50; Mt.12:15-21). É sempre o Pai que toma a iniciativa, porque é Ele que cria e transforma.

Por esta razão, ao falar da sua vida, Jesus nunca usa o verbo dar, entregar a vida por<sup>4</sup>, mas, o verbo grego (*tithemi*) que significa “pôr-se”, “colocar-se ao dispor de”, como o servo faz ao seu Senhor e o pastor o faz também (Jo.10:15; 17-18; 15:13; 1 Jo. 3:16). De uma forma constante (Lc.22:42; Jo.5:30-36; 6:38 e 14:31) Jesus dirá: “*Vim do Céu para fazer a vontade daquele que me enviou e não a minha*” (Jo.6:38). De facto, deve ser claro, que na história da salvação a vontade do Pai é a única coisa que interessa, é protagonista; as acções humanas são apenas resposta livremente escolhida e abraçada por amor. Ver como exemplo Maria, retratada por Lucas (10:38-42), que, diferentemente da sua irmã Marta, escuta Jesus antes de agir.

Na verdade, para Jesus colocar a sua vida à nossa disposição significou deixar-se esmagar pela maldade humana, não oferecendo qualquer resistência ao sentir ser-lhe retirada a vida, uma vez que era essa a vontade do Pai.

A obediência de Jesus ao Pai é essencial para compreender o verdadeiro sentido do convite da Nova Aliança.

Ao ver-se entregue de mão em mão, Jesus experimentou humilhação e abandono, elementos que constituem parte integrante do processo da encarnação.

Na realidade Deus escolheu humilhar-se descendo do seu trono supremo, numa única direcção decrescente: “[...] *Ele humilhou-se e tornou-se obediente até à morte* [...]” (Fil. 2:8).

Após o Seu nascimento foi colocado numa manjedoura, não num berço, e imediatamente sofreu a humilhação da fuga para uma terra estrangeira. Ele começará a sua missão colocando-se em fila com os pecadores no rio Jordão, uma vez que era aí que o Pai o queria: “[...] *para cumprir assim toda a justiça*” (Mt.3:15).

Ele irá experimentar o fracasso da sua pregação, irá reassumir o seu trabalho missionário dizendo: “[...] *aqui entre todos Eu sou como aquele que serve*” (Lc.22:27) e lavará os pés aos seus discípulos. Assim, não se tornará nem numa autoridade religiosa nem numa autoridade política, e, como Mestre, terá pouco sucesso.

A Sua Paixão é então uma contínua queda. Começa com a humilhação de encontrar-se incapaz de assumir de bom grado o caminho que o Pai lhe aponta: “*Sinto uma tristeza de morte [...] se é possível, afasta de mim este cálice.*” (Mt.26:38-39; Mc.14:34-35; Lc.22:42). Ele será traído por um amigo, que o venderá por trinta denários, e depois, passando de mão em mão, será entregue a Pilatos que, por razões políticas<sup>5</sup>, fará dele o Ecce Homo (Jo.19:5); desfigurado, profetizado por Is. 53:3, será desnudado e crucificado entre dois criminosos, como “*aquele que está sob a maldição de Deus*” (Dt. 21:23): “*Afirmo-vos que irá cumprir-se em mim aquela frase da Escritura: ele foi contado entre os malfetores, foi considerado como um criminoso*” (Lc. 22:37; Is. 53:12). Finalmente, terminará por descer ao âmago da terra como o próprio Jesus anunciara (Mt.12:40), onde irá ficar três dias e três noites, aguardando que o Pai satisfizesse o seu desejo de viver (Heb. 5:7).

Esta misteriosa humilhação do Filho é o grande escândalo, em primeiro lugar para os apóstolos e depois para todos os crentes. É uma humilhação misteriosa que todo o cristão deve contemplar durante cada Eucaristia, mas que infelizmente nunca é suficientemente lembrada: “*Tenham os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus : que [...] privou-se do que era seu e tomou a condição de escravo [...]*” (Fl.2:5-7) e “*Mas entre vós não pode ser assim. Pelo contrário, aquele que for o maior proceda como se fosse o mais pequeno, e o que governar proceda como quem serve os outros*” (Lc.22:26). No mundo de hoje, onde o ganho, a competição, a satisfação dos

<sup>4</sup> Embora esta expressão apareça em traduções modernas.

<sup>5</sup> Lc. 23:12 “Nesse mesmo dia Pilatos e Herodes ficaram amigos, pois antes disso andavam de relações cortadas”

próprios desejos (mesmo em detrimento das necessidades dos outros, tornando-os em antagonistas em vez de irmãos) são apontados como os valores máximos, é essencial lembrar continuamente o aniquilamento de Jesus e a sua recusa a qualquer tipo de violência: *”Se eu, que sou Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vocês de agora em diante, devem lavar os pés uns dos outros”* (Jo.13:14). Isto é uma reviravolta que não apenas indica que não devemos competir, mas devemos antes “servir” com humildade e não com “poder”. A Igreja, como instituição, deu muitas vezes mau exemplo do que significa servir com humildade e *não com poder*. Não foi capaz de confiar apenas na providência de Deus, e assim, ao longo da sua história, considerou importante usar *com poder* os meios humanos. No entanto, este não é o caminho dos cristãos, e deveríamos lembrar isto em todas as Eucaristias.

O caminho de humilhação de Jesus e a sua obediência brotam da total abertura do Filho ao Pai, de quem Ele recebe tudo: *“Agora sabem que tudo quanto tenho é de ti que vem”* (Jo.17:7), *“Eu nada posso fazer só por mim [...]”* (Jo.5:30); *“[...] não se faça a minha vontade, mas sim a tua”* (Lc.22:42). Esta abertura do Filho ao Pai é resposta ao dom de si próprio do Pai ao Filho. De facto, o Pai nada guarda para si mesmo: *”Tudo o que o Pai tem, pertence-me também a mim”* (Jo.16:15); *“Além do mais o Pai não julga ninguém. Entregou ao Filho o poder de julgar...”* (Jo.5:22). A vida Trinitária, é um mútuo esvaziamento, num recíproco acolhimento do Pai no Filho e do Filho no Pai: *“Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu”* (Jo.17:10); é um dinamismo de desejo, de amor e comunhão que não elimina a pessoa mas antes a qualifica, um dinamismo que é personificado, por sua vez, no Espírito Santo. É este dinamismo de amor e comunhão que penetra em nós ao comer o pão, e que requer de nós uma resposta que deverá ser igual à do Filho.

Ao entregar o Filho, o Pai termina a Revelação: Ele nada mais tem para dizer, uma vez que nada mais tem para dar. Isto é o que todo o cristão deve lembrar em toda a Eucaristia: *“Fazei isto em memória de mim”*.

**Este é o cálice do Meu Sangue, o Sangue da nova e eterna Aliança** (da Oração Eucarística)

As palavras de Jesus sobre o cálice, mencionadas no rito, unem a Eucaristia ao tema da Aliança. São também lembradas pelo Concílio Vaticano II (SC nº 10): *“[...] pela renovação da Aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, incendeia os fiéis na Caridade urgente de Cristo”*.

Assim, *“a Ceia do Senhor”* é essencialmente um convite de Aliança.

No Êxodo, cap.24, o rito da Aliança inclui três elementos tirados dos costumes do tempo, e que encontramos mais uma vez no rito da Eucaristia: a Palavra, a Ceia em comum e o Sangue.

## **A Palavra**

A Palavra de Deus é uma parte integral do rito Eucarístico, porque é a base da Aliança; sem a Palavra de Deus não há Aliança, os termos Aliança e Palavra são equivalentes. *“Moisés [...] pegou no livro da Aliança [...] que o Senhor fez convosco, com base nestas palavras”* (Ex.24:7-8). Por este motivo a celebração Eucarística começa com a escuta das palavras, que Deus falou ao seu povo (no Antigo e Novo Testamento), às quais o crente deve responder, como os israelitas o fizeram no deserto, com o seu “sim” e o seu compromisso: *“Faremos tudo o que o Senhor ordenou”* (Ex.24:3).

Este confronto muito exigente com a Palavra evidencia a nossa insuficiência e, conseqüentemente, a necessidade de pedir perdão por desobedecermos à Aliança. O acto penitencial que, nos dias de hoje, precede as leituras, está de facto fora do lugar, porque devia suceder à leitura da Palavra.

Mesmo as orações que se seguem deveriam referir-se especificamente à Palavra acabada de ser lida.

A ligação da celebração Eucarística à vida, uma das tarefas mais importantes e difíceis, poderá apenas ser realizada desta maneira. Jesus de Nazaré realçou continuamente a união íntima entre a Palavra e a realidade quotidiana da vida, entre a Palavra e a nossa relação com os outros e as coisas. A festa da Aliança que Ele prepara para nós é um memorial da sua atitude de fidelidade à Palavra, o mesmo que dizer de lealdade para com a Aliança. É apenas ao assimilar o Espírito de Jesus através da ingestão do pão que é possível aumentar a nossa compreensão da Palavra e a nossa capacidade de a pôr em prática.

### **A Ceia em comum**

Nos tempos antigos, era tradição selar uma aliança com uma ceia tomada em comum (Gn.26:30); por essa razão, os israelitas, depois da cerimónia da aliança, “*comiam e bebiam*” (Ex.24:11).

Isaias (cap.55:2-3) já tinha associado a aliança com a ceia: “[...] *Se me escutardes, haveis de comer do melhor e saborear pratos deliciosos.. vinde a mim.. farei convosco uma aliança eterna*”; a aliança era o dom de Deus, que tinham para se alimentar (Jr. 15:16; Ez.3:3).

Então, não admira que a Eucaristia (o rito da Nova Aliança) seja uma Ceia em comum, o banquete Messiânico, em que acolhemos o Jesus ressuscitado presente no pão, como Ele já o tinha antecipado no milagre da multiplicação dos pães. A fome das criaturas é assim saciada pelo pão e pela Palavra/Aliança, os dois dons de Deus.

### **O sangue**

A cerimónia da Aliança também pressupõe o rito do sangue. Em Ex.24:6-8 o sangue dos cordeiros é aspergido no altar, representando Deus, e no povo. Isto significa que ambas as partes partilham agora o mesmo sangue, que são membros da mesma família. De facto, Israel será considerado por Deus o seu filho primogénito (Ex.4:22). No entanto, esta aliança ainda colocava os dois contratantes em frente um do outro, de uma certa maneira, “mantidos à parte”, na distância tolerante entre Criador e criatura. Porém, agora, Jesus diz: “*Quem comer o meu corpo e beber o meu sangue fica a morar em mim e Eu nele*” (Jo. 6:56).

Sendo judeus, os discípulos estavam proibidos de beber sangue, porque esse pertencia apenas a Deus; por isso dirão: “*Que palavras duras. Quem entender isto!*” (Jo.6:60); daí que Jesus insista e lhes diga para beberem do seu sangue para permanecerem nele. É esta permanência mútua de Deus no crente e do crente em Deus, o tema característico do Evangelho de João (Jo.14:23; 15:4-11; 17:22-23.26). “...como tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nos.” *Pai, que eles estejam tão unidos a nós, como tu estás a mim e eu a ti*” (Jo.17:21). Este é o elemento que faz nova a aliança com Deus, dá um salto qualitativo, já predito em Jeremias e Ezequiel: “...*diz o Senhor, [...] farei uma nova aliança [...] vou gravar a minha lei dentro deles, vou escrevê-la nos seus corações*” Jr. 31:31-33) e “*vou dar-vos um novo coração e um novo espírito [...] vou pôr o meu espírito em vós*” (Ez. 36:25-28).

Esta nova aliança visa provocar a transformação do nosso eu profundo a níveis mais secretos do que aqueles que a nossa consciência pode entender, a fim de gerar uma ressurreição interior, uma transfiguração, que dia após dia nos aproxima da ressurreição final, aquela que depois da morte, nos levará ao seio da Trindade. “*Pai! Que todos aqueles que me deste estejam onde eu estiver, para que possam ver a glória que me deste*” (Jo.17:24; ver também Jo.6:40; 10:38; 14:2-3; 17:21.24.26).

Mas como pode Jesus estar no nosso eu profundo ao comermos pão e bebermos vinho? O Evangelista João tem a resposta: A prova para sabermos, como vivemos em Deus, e Deus em nós, é esta: “*Damos conta de que permanecemos nele e Ele em nós, por nos ter feito participar do seu Espírito*” (1 Jo. 4:13); e “[...] *com estas palavras, Jesus queria dizer que todos os que acreditassem nele haviam de receber o Espírito Santo. Na verdade, o Espírito Santo ainda não tinha sido*

*enviado, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado”* (Jo.7:37-39). Na realidade, será no fim da sua vida e da sua Paixão que Jesus entrega o Espírito (aqui o verbo está na forma activa) (Jo.19:30). É o Espírito que o Pai dera ao Filho no Jordão e que Jesus dá agora àqueles que acreditam nele, para que o Espírito permaneça neles com todos os seus dons. Jesus entra no nosso foro íntimo “entregando-nos” o seu Espírito, que é o Espírito Santo. Jesus diz: *“Eu hei-de pedir ao Pai que vos envie um outro para vos ajudar, o Espírito da Verdade [...] que há-de viver sempre convosco [...] vocês conhecem-no porque ele está ao vosso lado e dentro de vós mesmos”* (Jo.14:16-17). O acontecimento repete-se em toda a Eucaristia como se fosse um Domingo de Pentecostes.

A presença do Espírito em nós é uma companhia íntima e constante, um maná que alimenta e cria uma nova dimensão escatológica duma humanidade redimida, liberta do tempo e do espaço, muito acima da dimensão corporal/espiritual da criatura. No evangelho de João, essa dimensão é chamada *vida eterna*, uma dimensão *diferente*, ainda desconhecida por nós, mas da qual podemos experimentar já algo na vida terrena. *“O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu, isso Deus preparou para aqueles que o amam”* (1 Co.2:9).

A nova aliança é, conseqüentemente, uma aliança no Espírito Santo – aquele que nos capacita a viver o novo mandamento: *“Amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos uns aos outros”*, isto é no Espírito Santo.

Embora, na maioria dos casos, o papel essencial do Espírito Santo possa escapar-nos no rito Eucarístico, ele encontra-se do centro deste rito. De facto, quem quer que seja que actue como oficiante, antes de pronunciar as palavras ditas por Jesus sobre o pão e o vinho, ou invoca directamente o Espírito Santo – para que aconteça o milagre, ou pede ao Pai para enviar o Espírito Santo a santificar. É o Espírito Santo que transforma o pão no corpo de Cristo, da mesma maneira que gerou o Filho de Deus no seio de Maria.

**“Derramado por vós e por todos os homens para remissão dos pecados”** (da Oração Eucarística)

Esta frase da liturgia é tirada do Evangelho de Mateus – o único que apresenta esta narração, e, de uma maneira inequívoca, exprime o sentido redentor da Cruz, fazendo de Jesus o Salvador. Jesus morre na cruz para não trair a aliança do Sinai, cujas primeiras frases são: *“Não tenhais outros deuses, além de mim”* (Ex. 20:3). Jesus recusa e desmascara qualquer forma de idolatria, de riqueza, de poder e vã glória de que a sociedade do seu tempo – assim como a nossa - estava impregnada. Jesus foi crucificado porque as autoridades, os Sumos-sacerdotes, as autoridades espirituais, e aqueles que assumiam o poder não toleraram a franqueza com que Jesus desocultou a sua hipocrisia e a sua infidelidade à aliança (Mt.23:13-33).

Contudo, o sangue derramado por Jesus em lealdade à aliança, foi reconhecido pelos apóstolos como o sangue do Servo de Deus descrito por Isaías – que, por sua vez, morreu em fidelidade à aliança e de quem foi dito: *“ele suportava os nossos sofrimentos e carregava as dores que nos eram devidas... o castigo que nos devia redimir caiu sobre ele, recebeu os golpes e nós fomos poupados”* (Is. 53:4-5).

Jesus tomou sobre si as nossas penas e as conseqüências fatais dos nossos pecados, que nós deveríamos carregar pela infidelidade à aliança. Como resultado, o sangue de Jesus, além de ser o sangue da nova aliança, torna-se também sangue de redenção segundo o carácter bíblico típico do “goel”, o libertador, o salvador, aquele que redimia da escravatura o parente prisioneiro ao comprá-lo: *“Deus pagou por vós um preço. Não se tornem escravos de ninguém”* (1 Co.7:23). *“Mas quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho... para resgatar os que se encontravam sob o domínio da lei, a fim de recebermos a adopção de filhos.”* Gl.4:4-5); *“[...] com o teu sangue resgataste para Deus homens de todas as tribos...”* (Ap.5,9).

Este sangue de resgate é também sangue libertador que afasta o castigo justo de Deus, como o fizera no Egito na noite da morte dos primogénitos. Na carta aos Romanos 5:9) Paulo diz: *“E agora que fomos justificados pelo seu sangue, com muito mais razão havemos de ser salvos da ira,*



*por meio dele.*” Assim é compreensível a razão pela qual nos Evangelhos – textos teológicos mais do que históricos, a Última Ceia de Jesus esteja ligada à festa da Páscoa, a festa da libertação da escravidão, não mais de um poder terreno, como o dos faraós, mas de um mais temível: a escravidão do “inimigo de Deus”: “*O grande dragão [...] a antiga serpente a quem chamam diabo, ou Satanás*” (Ap. 12:9), que tem o poder de afastar a criatura do seu criador, levando-o à parede num beco sem saída. João evoca por duas vezes a presença de Satanás na Última Ceia (Jo.13:2 e 27) e a sua influência em Judas, que simbolicamente nos representa a todos - sempre prontos a trair Cristo e o seu Evangelho.

Justamente por Ele ser o “*goel*”, o sangue de Jesus tem poder para imprimir em nós uma dinâmica de libertação de Satanás e das consequências das nossas infidelidades, ao criar em nós uma nova atitude interior. É o novo coração, feito de carne e não de pedra, de que nos fala Ezequiel: é a transfiguração interior, a ressurreição interior, a “vida eterna” supracitada.

Para finalizar, podemos dizer que, segundo o que a Palavra de Deus nos revela, a celebração da Eucaristia é o convite da Nova Aliança que o Pai prepara para os seus filhos a fim de lhes dar a possibilidade de entrar numa nova e íntima relação com o Filho. Tão íntima que Mateus evoca a imagem do casamento “*e ficam a ser como uma só pessoa*” (Gn. 2:24) e falará do banquete de casamento do filho de um rei (Mt. 22:1-14) Então o convite da Nova Aliança, torna-se também o banquete de casamento do Filho de Deus, que deseja entrar numa relação íntima com a sua Igreja e com todos os seus fiéis, para lhes transmitir o seu Espírito, força dinâmica capaz de transformar a realidade. Cá na terra, em toda a Eucaristia, o crente mergulha já no mistério da vida Trinitária<sup>6</sup>, jubiloso mistério de amor, de acolhimento, de dom, de serviço, de vida realizada. Se é sensivelmente difícil “sentir” a presença da Trindade em nós, como é experimentada pelos místicos, não é raro observar os frutos que a participação na Eucaristia nos dá através dos dons do Espírito Santo.

Porém, para experimentar esta nova vida, é necessário participar na festa com a veste habitual do casamento (Mt. 22:8-12), isto é, ser digno dela, uma vez que o convite leva sempre a um julgamento. É possível, no entanto, que a participação diária na celebração Eucarística não produza frutos, e não nos transforme interiormente, tornando-se então numa condenação (Mt. 22:13-14). Na realidade, a Eucaristia não é um rito mágico e a ressurreição interior não acontece se não for desejada e aguardada.

Como Jesus Cristo, antes de experimentar uma autêntica ressurreição, precisamos de ser capazes de pagar o preço da lealdade à Aliança, ou seja, da lealdade à Palavra. Só então a bem-aventurança pronunciada por um dos que estavam sentados à mesa “*Feliz aquele que come o pão no Reino de Deus*” (Lc. 14:15) finalmente se realizará.

Este texto reproduz uma conferência promovida pela Fundação Betânia, em 10 de Setembro 2005.

---

<sup>6</sup> Ver as contínuas referências ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo no desenrolar do rito Eucarístico.